

# Laboratório de Assimetria: A Guerra do Líbano de 2006 e a Evolução das Táticas Terrestres Iranianas

Capitão Marc Lindemann, Guarda Nacional do Estado de Nova York

*O principal objetivo deste exercício é adotar novas táticas e utilizar novos equipamentos capazes de lidar com possíveis ameaças... [O Irã] está atento ao que acontece no mundo... e nós investimos tanto em táticas quanto em equipamentos modernos.*

—General Kiyumars Heidari, República Islâmica do Irã, porta-voz das manobras militares “Golpe de Zolfaqar”, Agosto de 2006<sup>1</sup>.

**A** REPÚBLICA ISLÂMICA DO Irã não é nenhuma novata na guerra assimétrica. Desde que o regime enfrentou um adversário tecnologicamente superior na Guerra Irã-Iraque (1980-1988), o Irã tentou utilizar meios humanos para superar suas fraquezas em um conflito militar convencional. Na Guerra Irã-Iraque, o Irã empregou sucessivas “ondas humanas” contra as Forças mais bem equipadas e blindadas do Iraque. O número de perdas foi estarrecedor: segundo alguns relatórios, mais de 1 milhão de baixas iranianas, em comparação com um total estimado de 375 mil baixas iraquianas<sup>2</sup>. Na esteira desse conflito, o Irã vem buscando constantemente formas mais eficientes de empregar a força derivada de seu considerável efetivo em operações militares. Ao exportar o treinamento militar iraniano para outros países no Oriente Médio, o país pôde observar o aperfeiçoamento da sua doutrina tática. De fato, a Guerra do Líbano de 2006 concedeu ao Hezbollah a oportunidade de testar as táticas terrestres assimétricas desenvolvidas pelo Irã. Conforme evidenciado pelas suas próprias

publicações profissionais e jogos de guerra, a liderança militar iraniana prestou especial atenção às lições aprendidas nesse conflito<sup>3</sup>. Como não houve nenhuma ação militar aberta recente por parte do Irã, será útil analisar a Guerra do Líbano de 2006, com o intuito de identificar a influência do treinamento e das táticas iranianas<sup>4</sup>. Os Estados Unidos devem permanecer cientes das mudanças na doutrina tática iraniana, mesmo enquanto o Irã avança rumo ao desenvolvimento de armas nucleares. Com vistas a facilitar uma solução diplomática para essa ameaça, as Forças militares dos EUA devem se empenhar em estabelecer uma alternativa militar viável: “se queres a paz, prepara-te para a guerra”<sup>5</sup>.

## Irã no Líbano

A organização paramilitar xiita conhecida como Hezbollah surgiu inicialmente como uma milícia em oposição à invasão do Líbano por Israel, em 1982. Embora estivesse envolvido na Guerra Irã-Iraque na época da ocupação israelense, o Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica (*Islamic Revolutionary Guard Corps — IRGC*) do Irã tomou a dianteira em organizar, treinar e equipar o Hezbollah<sup>6</sup>. Para isso, a Síria permitiu que 2.500 integrantes do IRGC entrassem no Líbano e estabelecessem campos de instrução entre a população xiita no Vale do Bekaa, uma importante região agrícola no leste deste país. Passar pelo treinamento nos campos do IRGC tornou-se um pré-requisito para ingressar no Hezbollah<sup>7</sup>. Em 1985, o Hezbollah reconheceu publicamente a sua dependência em relação ao Irã: “Enxergamos

*O Capitão Marc Lindemann serviu como Comandante de pelotão no Iraque de 2005 a 2006. É bacharel e mestre em História pela Yale University e licenciado em Direito (J.D.) pela Harvard Law School. Antes de ingressar nas Forças Armadas, trabalhou como advogado na cidade de Nova*

*York e é atualmente promotor adjunto sênior do Distrito de Suffolk, Estado de Nova York. Atualmente comanda a Bateria Bravo do 1º Batalhão da 258ª Divisão de Artilharia de Campanha, na Guarda Nacional do Exército no Estado de Nova York.*

Associated Press / Vahid Salemi



*Segurando cartazes do líder do Hezbollah, Xeque Hassan Nasrallah, religiosos iranianos entoam “slogans” em uma manifestação em favor do partido na Praça Palestina em Teerã, Irã, 3 Ago 06.*

o regime iraniano como a vanguarda e o novo núcleo do Estado Islâmico dominante no mundo. Obedecemos às ordens de uma única liderança justa e sábia, representada pelo ‘Wali Faqih’ [poder do jurista] e personificada por Khomeini.”<sup>8</sup>

Dadas as restrições relativas a equipamentos e à logística do grupo, o Hezbollah — sob a orientação de assessores iranianos — adotou a doutrina de guerra de guerrilha contra a ocupação israelense. Essa doutrina, um modelo útil, ainda que primitivo, para futuras operações assimétricas na região, girava em torno de 13 princípios:

1. Evite os fortes, ataque os fracos — ataque e se retraia.
2. Proteger nossos combatentes é mais importante do que provocar baixas do inimigo.
3. Ataque apenas quando o êxito for garantido.
4. A surpresa é essencial para o sucesso. Se foi localizado, você fracassou.
5. Não se envolva em uma batalha cuidadosamente planejada. Desapareça como fumaça, antes que o inimigo possa tirar proveito de sua vantagem.
6. Attingir um objetivo demanda paciência, a fim de descobrir os pontos fracos do inimigo.
7. Desloque-se continuamente; evite a formação de uma linha de frente.
8. Mantenha o inimigo em alerta constante, na frente e na retaguarda.
9. O caminho para a grande vitória passa por milhares de pequenas vitórias.
10. Mantenha o moral dos combatentes elevado; evite ideias da superioridade do inimigo.

11. A mídia possui inúmeras armas, cujos impactos equivalem aos de balas. Utilize-as na batalha.

12. A população é um tesouro: cuide dela.

13. Fira o inimigo e, então, pare, antes que ele abandone o comedimento<sup>9</sup>.

Enquanto o Irã sofria uma enorme quantidade de baixas contra as Forças convencionais iraquianas, o Hezbollah gozava de certo grau de sucesso em enfraquecer a determinação das Forças de ocupação israelenses. Dezoito anos se passariam até que Israel finalmente se retirasse do Líbano, conferindo ao Hezbollah tempo suficiente para testar e revisar as táticas, técnicas e procedimentos assimétricos transmitidos pelos instrutores militares iranianos à organização<sup>10</sup>.

Ao longo da ocupação israelense, o Hezbollah enfrentou e se adaptou às ações militares de Israel. No terreno, as táticas do Hezbollah contra a Força de ocupação incluíam o emprego de homens-bomba, ataques de foguete e raptos de soldados das Forças de Defesa de Israel (FDI). Duas vezes — na Operação *Accountability* de 1993 e na Operação *Grapes of Wrath* de 1996, Israel realizou intensos bombardeios de artilharia e aéreos no território libanês. Essas campanhas israelenses podem ter dissuadido temporariamente os ataques com foguetes do Hezbollah contra Israel, mas não tiveram um efeito duradouro. Ao longo de toda a ocupação israelense, o Irã forneceu armas aos combatentes do Hezbollah por meio da Síria e organizou campos de instrução dentro do próprio Líbano.

---

### ***Dezoito anos se passariam até que Israel finalmente se retirasse do Líbano...***

Depois da retirada de Israel do Líbano, em 2000, o Hezbollah tornou-se um dos principais partidos políticos, sendo a sua legitimidade proveniente, em parte, do seu papel em provocar a saída das Forças israelenses. Entre 2000 e 2006, a ala militar da organização continuou a receber treinamento e equipamentos do Irã, incluindo mísseis anticarro AT-3 Sagger, foguetes de longo alcance e veículos aéreos não tripulados (VANTs)



*As principais partes envolvidas na Guerra do Líbano de 2006 eram as Forças paramilitares do Hezbollah e as Forças Armadas israelenses. O conflito teve início em 12 Jul 06, e continuou até que um cessar-fogo intermediado pela ONU entrou em vigor em 14 Ago 06.*

de fabricação iraniana, que apareceram na Guerra do Líbano de 2006<sup>11</sup>. O IRGC do Irã incumbiu a Força de elite *Quds* (“Jerusalém”) de supervisionar o apoio ao Hezbollah, treinando combatentes da organização no emprego dos AT-3 Sagger, dos mísseis TOW e dos VANTs<sup>12</sup>, tanto no Irã quanto no Líbano. Consta que o General Hussein Firuzabadi, Subchefe do Estado-Maior das Forças Armadas iranianas, teria supervisionado a entrega dos sistemas de mísseis iranianos ao Hezbollah com o posicionamento de cerca de cem oficiais iranianos na Síria e no Vale do Bekaa, no Líbano<sup>13</sup>. Ao todo, Anthony Cordesman, do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (*Center for Strategic and International Studies*), estima que o Irã fornece ao Hezbollah ajuda financeira, bens e serviços militares no valor de cerca de US\$ 25 a US\$ 50 milhões por ano, observando: “está claro... que o IRGC e oficiais e funcionários da Inteligência e das Forças Armadas da Síria se reúnem periodicamente com as Forças do Hezbollah, e quadros de pessoal do IRGC parecem ter permanecido em funções de

menor destaque com seus combatentes de tempo integral. Além disso, o Hezbollah parece enviar alguns de seus quadros para receber treinamento especializado no Irã e possivelmente na Síria<sup>14</sup>.”

Apesar da retirada das tropas israelenses em 2000, o Hezbollah continuou suas operações contra Israel. Logo depois do término da ocupação, o Hezbollah raptou três soldados israelenses que patrulhavam a fronteira entre Israel e Líbano. Em 2004, o Hezbollah trocou os corpos desses soldados pela libertação de prisioneiros libaneses. Outro rapto como esse provocou a Guerra do Líbano de 2006.

### **Táticas do Hezbollah em 2006**

Muitos analistas militares veem a Guerra do Líbano de 2006 como uma derrota para Israel. As Forças de Defesa de Israel, acostumadas, durante anos, a vigiar postos de controle e a executar outras missões de baixa intensidade, familiares aos soldados norte-americanos no Iraque, precisaram, subitamente, conduzir uma guerra terrestre no Líbano. Embora a

mudança na missão possa ter sido um choque para os soldados israelenses, o Hezbollah havia passado os anos seguintes à retirada israelense em 2000 preparando-se para tal cenário. De 2000 a 2006, o Hezbollah preparou o campo de batalha, prevendo outro conflito com Israel. A organização construiu um complexo sistema de casamatas no interior e posicionou armas portáteis, foguetes e outros depósitos de suprimentos em aldeias rurais e nas suas proximidades. Ao todo, havia, supostamente, cerca de 600 paióis com armas e munição na região ao sul do Rio Litani. Cada elemento de milícia do Hezbollah foi designado para três dessas casamatas de munição — uma principal e duas de reserva —, e nenhum comandante sabia a localização daquelas situadas fora da sua área de operações<sup>15</sup>. O Hezbollah construiu o sistema de casamatas com o apoio de um General do IRGC, Mir Faysal Baqer Zadah<sup>16</sup>. Além disso, o Hezbollah instalou minas em vias de acesso de alta velocidade para retardar a movimentação das Forças blindadas israelenses<sup>17</sup>. Embora evidências indiquem que os patrocinadores iranianos treinaram combatentes do Hezbollah na operação dos sistemas de foguetes e mísseis fornecidos, o próprio grupo possuía a memória institucional sobre o tipo de operações assimétricas que levaram à retirada das Forças israelenses em 2000. Uma monografia de 2008, do Instituto de Estudos Estratégicos (*Strategic Studies Institute*), baseada em 36 entrevistas com participantes israelenses no conflito, ressalta que o elemento mais marcante no desempenho do Hezbollah na Guerra do Líbano de 2006 foi sua mistura de combate convencional com combate irregular<sup>18</sup>. O papel do Irã em treinar o Hezbollah — o patrocínio estatal de um ator não estatal — resultou no emprego de táticas assimétricas dentro de um marco surpreendentemente convencional.

Taticamente, a Guerra do Líbano de 2006 assistiu ao êxito das equipes de combate descentralizadas do Hezbollah. O Hezbollah utilizou, na maioria dos casos, elementos valor grupo de combate durante o conflito. Notadamente, o Hezbollah permitiu que esses grupos praticamente autônomos (organizados como equipes anticarro, combatentes de aldeia e equipes de lançadores de foguetes) tomassem

a iniciativa e decisões táticas sem consultar o comando de escalão superior. Quando necessário, esses elementos coordenavam suas ações entre aldeias e posições de combate isoladas por meio de um sistema fechado de telefonia celular e rádios bidirecionais<sup>19</sup>.

Embora as equipes normalmente atuassem de forma independente, a liderança do Hezbollah — que era capaz de interceptar comunicações terrestres entre os comandantes militares israelenses — podia transmitir avisos sobre manobras iminentes das FDI, que viajavam por vias de acesso previsíveis, determinadas pelo terreno<sup>20</sup>. O Centro de Inteligência e Terrorismo, no Centro de Estudos Especiais, concluiu que “de fato, a formação do Hezbollah no sul do Líbano resultou diretamente da doutrina e tecnologia fornecidas pelo Irã e pela Síria”, assemelhando-se a uma “Divisão iraniana”, com brigadas territoriais e equipes especializadas, como as anticarro e as de lançadores de foguetes<sup>21</sup>. As próprias equipes talvez se encaixassem no contexto geral de uma Divisão no estilo iraniano, mas operavam sem excessivo respeito à hierarquia militar.

A típica equipe anticarro do Hezbollah era composta de dois homens com treinamento iraniano em sistemas de armas avançados e de dois ou três homens incumbidos de ajudar a transportar os equipamentos. Essas equipes empregavam mísseis anticarro contra veículos blindados, pessoal e outras viaturas israelenses, às vezes, empregando dispositivos explosivos improvisados contra elas<sup>22</sup>. Os AT-3 Sagger, que os engenheiros iranianos haviam modificado para transportar ogivas em *tandem*, eram o sistema

---

***Notadamente, o Hezbollah permitiu que... grupos... autônomos... tomassem a iniciativa e decisões táticas...***

anticarro mais comum do Hezbollah<sup>23</sup>. Contudo, o Hezbollah também utilizou outros mísseis contra carros israelenses com grande êxito, mesmo contra aqueles providos de blindagem reativa<sup>24</sup>. De especial interesse foi o emprego dos

mísseis anticarro AT-14 Kornet-E, com visores térmicos para o combate noturno, e os RPG-29 Vampire, sendo algumas versões dotadas de visão noturna<sup>25</sup>. Tirando proveito do terreno canalizador do movimento, as equipes anticarro ocupavam posições fortificadas em colinas e aguardavam os avanços israelenses, utilizando técnicas de “enxame” (*swarm*) para atacar um único alvo com vários disparos simultaneamente<sup>26</sup>. Em 12 Ago 2006 apenas, mísseis anticarro atingiram 11 carros de combate das FDI, quando estes rumavam para o norte através do Vale de Wadi Saluki, no sul do Líbano. Dos 400 carros de combate das FDI envolvidos no combate no sul do Líbano, 48 foram atingidos, 40 avariados e 20 perfurados<sup>27</sup>.

Geralmente munidos de fuzis AK-47, os combatentes de aldeia do Hezbollah atraíram as FDI para as ruas, onde os carros de combate israelenses não podiam manobrar com efetividade. Como os combatentes de aldeia no sul do Líbano se moviam de quarto em quarto e de casa em casa, as FDI tinham de contar com sua infantaria, apoiada pela artilharia, blindados e poder aéreo. Andrew Exum, antigo bolsista Soref do Programa de Estudos Militares e de Segurança do Instituto Washington, sugeriu que os combatentes de aldeia não eram treinados pelo Irã, na sua maioria. Em vez disso, haviam extraído seus conhecimentos de conflitos anteriores entre o Hezbollah e Israel, o que nos traz a lembrança a censura dos espartanos ao Rei Agesilau, por ensinar os inimigos a lutar, em decorrência das suas constantes campanhas<sup>28</sup>. A disposição do Hezbollah em defender o terreno e realizar confrontos de fogo direto, porém, sinalizou uma importante mudança em direção ao lado mais convencional do espectro de combate, afastando-se da tática de guerrilha de grupos como o Vietcongue<sup>29</sup>.

Recorrendo fortemente à munição e ao treinamento iranianos, o Hezbollah manteve uma barragem constante de fogo indireto contra Israel. No início do conflito de 2006, havia indícios de uma grande remessa de mísseis e foguetes iranianos e da presença de instrutores iranianos especializados nesses sistemas de armas. A Inteligência israelense indicou que cerca de cem assessores iranianos estavam no Líbano, auxiliando, por exemplo, no lançamento do complexo sistema de mísseis guiados por radar C-802<sup>30</sup>. O Irã ajudou ainda mais o Hezbollah ao

estabelecer centros de seleção de alvos e controle de foguetes e mísseis, e os dois criaram um centro de Inteligência conjunto em Damasco durante o conflito<sup>31</sup>. Equipes treinadas por iranianos lançaram uma grande quantidade de foguetes no norte de Israel, demonstrando que a invasão israelense era incapaz de impedir os ataques contra a terra natal das FDI.

A tática da equipe de lançadores de foguetes consistia na coordenação de vários grupos de combate de integrantes do Hezbollah. Depois que vigias determinavam que não havia aeronaves israelenses na área, o primeiro grupo montava um lança-foguetes, o segundo transportava o foguete para o local de lançamento, e o terceiro preparava o foguete para o lançamento, muitas vezes configurando dispositivos de controle remoto ou temporizadores. Cada grupo convergia para a área de lançamento — utilizando, às vezes, bicicletas — e deixava o local rapidamente depois de concluir sua função no processo, o que podia levar menos de 28 segundos do início ao fim<sup>32</sup>. Para reduzir as emissões de calor dos lança-foguetes, as equipes do Hezbollah às vezes os colocavam rente ao chão ou os cobriam com uma cobertura resistente a chamas depois de disparar<sup>33</sup>. Um vídeo israelense mostra como equipes de lançadores de foguetes do Hezbollah se aproveitaram da relutância de Israel em causar danos colaterais. Repetidas vezes, os combatentes do Hezbollah entravam em uma casa, montavam um lança-foguetes e disparavam ou saíam em menos de um minuto<sup>34</sup>. Depois de disparadas, essas armas eram de difícil detecção por Israel. Mais do que as equipes anticarro e os combatentes de aldeia, as equipes de lançadores de foguetes estavam, às vezes, sujeitas ao controle centralizado do Hezbollah e de seus assessores iranianos. Uma barragem de 250 foguetes um dia antes do cessar-fogo das Nações Unidas, em 14 de agosto de 2006, sinalizou a capacidade do Hezbollah em coordenar, nos altos escalões, as atividades das equipes de lançamento<sup>35</sup>. Quando do cessar-fogo, o Hezbollah havia lançado 4.228 foguetes no território israelense<sup>36</sup>.

Embora a organização descentralizada do Hezbollah o obrigasse a executar uma defesa mais ou menos estática, sua preparação do campo de batalha o capacitou a travar uma guerra durante

cinco semanas sem falhas logísticas significativas. Ao armazenar suprimentos e armas em *cachês*, no que se tornariam posições avançadas e na retaguarda do inimigo, o Hezbollah minimizou a exposição de seus combatentes aos riscos de ter de se reabastecer. Além disso, à medida que o conflito evoluiu, o Hezbollah tirou partido de formas inesperadas de lutar e conduzir o reconhecimento. Para surpresa das FDI, o Hezbollah mostrou estar disposto a lutar à noite, apesar de dispor de poucos equipamentos de visão noturna. O Irã também forneceu VANTs ao Hezbollah para possibilitar o reconhecimento tático do norte de Israel<sup>37</sup>. Há algumas evidências de que o Irã também tenha ajudado a equipar um VANT iraniano, identificado como o Mírsad-1 ou o Ababil-3 Swallow, com pequenas cargas explosivas<sup>38</sup>. De fato, durante a Guerra Irã-Iraque, o Irã foi o primeiro a empregar os VANTs dessa forma<sup>39</sup>.

Apesar da entrada de armas e do treinamento iranianos, seria um equívoco concluir que o Irã controlava todas as atividades militares do Hezbollah contra Israel. Como observa Cordesman, tal conclusão equivale a uma “teoria da conspiração”. Em termos táticos, o Hezbollah usou o Irã tanto quanto este usa o Hezbollah.



Associated Press / Vahid Salemi

*Segurando cartazes do líder do Hezbollah, Xequé Hassan Nasrallah, jovens libaneses entoam “slogans” durante uma manifestação contra Israel na Praça Palestina em Teerã, no Irã, 18 Jul 06.*

Como veremos adiante, o Irã utilizou as operações do Hezbollah como um modelo para a evolução da sua própria doutrina tática<sup>40</sup>.

## Doutrina de Combate Iraniana

A República Islâmica do Irã estava na sua infância, quando o Iraque a invadiu em 1980. Depois que o Xá foi deposto em 1979, o Irã afastou os líderes militares suspeitos de o apoiarem. Na época, a doutrina de combate do Irã era, de modo geral, baseada na doutrina norte-americana, em decorrência da assistência militar e dos assessores dos EUA durante a administração do Xá. A Guerra Irã-Iraque levou o governo iraniano a libertar da prisão oficiais militares que haviam caído em desagrado, com a esperança de reforçar seus esforços de guerra. Ao obter eventuais vitórias, porém, o governo iraniano voltou a encarcerar esses líderes. Isso prejudicou a formulação e implantação de uma doutrina de combate iraniana durante a Guerra Irã-Iraque.

Para contrabalançar a lealdade suspeita das Forças Armadas regulares, o Aiatolá Ruhollah Khomeini formou o IRGC, uma organização militar diretamente subordinada à liderança religiosa iraniana. Por sua vez, o IRGC supervisionou a criação de uma milícia voluntária, a Força de Resistência *Basij* (Mobilização), em 1980. O grupo agora conta com mais 1 milhão de integrantes, embora seja composto, na maior parte, de homens idosos, jovens e voluntários que cumpriram o serviço militar obrigatório<sup>41</sup>. Durante a Guerra Irã-Iraque, a *Basij*, que possui uma estrutura de comando regional e descentralizada, adquiriu a reputação de ataques suicidas no estilo de “mártir”. Conforme citado anteriormente, existe, dentro do IRGC, a Força *Quds*, que opera fora do país com o Hezbollah no Líbano e com as milícias xiitas no Iraque<sup>42</sup>. Nos últimos anos, o IRGC mantém um efetivo de cerca de 125 mil, em comparação com os 350 mil das Forças Armadas regulares<sup>43</sup>. Cerca de 5 mil integrantes do IRGC são especializados na guerra não convencional<sup>44</sup>.

Depois da Guerra Irã-Iraque, o Irã voltou a recorrer à doutrina tática de Forças militares no estilo ocidental. Ao longo dos anos 90, tanto o Exército regular quanto o IRGC começaram a dedicar parte do treinamento aos princípios da guerra de manobra moderna, incluindo operações combinadas e conjuntas, movimentos

de flanqueamento e operações noturnas<sup>45</sup>. O Irã permaneceu neutro na Guerra do Golfo, em 1991, mas pôde observar como as Forças dos EUA derrotaram, de forma decisiva, as Forças convencionais de seu recente adversário, o Iraque. No ano seguinte, o Irã formalizou a orientação básica de sua estratégia e doutrina, codificando-a nos regulamentos das Forças Armadas iranianas<sup>46</sup>. Nesses regulamentos, o Irã enfatizava sua postura militar defensiva e inseria a ideologia islâmica como princípio organizador.

Na primavera de 2001, a publicação militar mensal iraniana *Saff* incluiu o artigo “What Future Wars Will Be Like”, que enfatizava a importância de novas capacidades de mobilidade e poder de fogo. O artigo afirmava ainda que a nova doutrina militar iraniana devia englobar “a surpresa, a compreensão da defesa, a superioridade em poder de fogo, as armas nucleares e as comunicações”<sup>47</sup>. Depois de expressar essas prioridades, o Irã observou quando os Estados Unidos invadiram o Afeganistão e o Iraque. Por enxergar os Estados Unidos e Israel como adversários, o Irã precisou reavaliar sua doutrina tática mais uma vez. Depois da queda de Bagdá, o Irã anunciou que concentraria seu treinamento militar na guerra assimétrica<sup>48</sup>.

Embora a guerra assimétrica já fizesse parte da doutrina de combate do Irã antes da Guerra Contra o Terrorismo, esse tema logo ganhou destaque no discurso e nos exercícios militares. Os princípios básicos do combate assimétrico iraniano apareceram na edição de abril de 2004 da *Saff*. A publicação militar citou um comentário do General Amir Bakhtiari, veterano da Guerra Irã-Iraque e professor na Escola de Comando e Estado-Maior do IRGC, que afirmou ser “importante e essencial modificar e substituir a instrução e o planejamento militares e utilizar táticas e métodos operacionais desconhecidos, como a guerra irregular e de guerrilha e as operações de resposta rápida e de dissuasão”<sup>49</sup>. Um ano depois, o General Mohammad Ali Ja’fari, antigo chefe das Forças Terrestres do IRGC, afirmou que este último vinha implantando conceitos de guerra assimétrica desde 2003: “Em conformidade com a doutrina assimétrica do IRGC e com o intuito de alcançar sua capacidade de defesa em alcance e profundidade, a Força terrestre do IRGC vem organizando e equipando suas Unidades segundo

um plano baseado no batalhão durante os últimos dois anos. A principal característica dessa medida de reforço foi conferir atenção especial ao volume do poder de fogo do batalhão — com ênfase na sua capacidade anticarro e anti-helicóptero —, assim como à autossuficiência e à grande mobilidade do batalhão de combate”<sup>50</sup>. Os estrategistas do IRGC, incluindo o General Hossein Salami, diretor de operações da Junta de Chefes de Estado-Maior, eram atores importantes na promoção dessa mudança.

Em uma indicação prévia da autonomia tática dos elementos do Hezbollah na Guerra do Líbano de 2006, o IRGC anunciou, em 2005, a incorporação da defesa em profundidade, também conhecida como “defesa em mosaico”, na sua doutrina. Com isso, o IRGC esperava tirar proveito da fronteira montanhosa e dos centros populacionais afastados do Irã para enfraquecer as linhas de suprimento de uma Força invasora. Destacamentos retardadores (*stay-behind*) se aproveitariam, então, dos efeitos da geografia do Irã para perturbar e destruir os elementos de retaguarda de um inimigo em avanço<sup>51</sup>. Michael Connell, do Centro de Análise Naval (*Center for Naval Analysis*), observa que um elemento-chave do plano de defesa em mosaico é “delegar a autoridade decisória ao nível tático, consequentemente tornando difícil para as Forças dos EUA afetar os nós de comando e controle iranianos. As Forças da *Basij* e outras Unidades irregulares receberiam, assim, considerável autonomia decisória para defender suas próprias cidades e aldeias contra Unidades inimigas invasoras<sup>52</sup>.” O Comandante-em-Chefe do IRGC, General-de-Brigada Yahya Rahim Safavi, afirmou justamente isso: “Nossos batalhões podem combater o inimigo de forma autossuficiente... Onde quer que haja Forças da *Basij*, as pessoas serão capazes de defender suas próprias aldeias e cidades<sup>53</sup>.” O IRGC afirma ter treinado entre 1.800 e 3.000 equipes de três a quatro soldados na condução de operações de guerrilha atrás das linhas do inimigo<sup>54</sup>.

No ano anterior à Guerra do Líbano de 2006, o IRGC revelou um plano de mobilização em tempo de guerra chamado de “Plano Mo’in”, no qual elementos da *Basij* seriam integrados em Unidades do IRGC como parte de uma estrutura de defesa regional<sup>55</sup>. Em uma invasão, a *Basij* atuaria

como os combatentes de aldeia do Hezbollah, utilizando cidades e outras áreas construídas como bases de defesa para atrair agressores tecnologicamente superiores para a atividade demorada e politicamente perigosa de limpeza de vizinhanças<sup>56</sup>. “Considerando as disparidades existentes entre nós e alguns dos nossos inimigos, em termos de equipamentos militares e armas, nossos esforços visam a corrigir esse problema com a formação de pequenos grupos de resistência capazes de executar manobras extremamente destrutivas”, disse Seyyed Morteza Musavi, Comandante da 2ª Brigada da 41ª Divisão Sarallah do IRGC<sup>57</sup>.

Os jogos de guerra do Irã também refletiram renovada ênfase na guerra assimétrica no mundo pós-11 de Setembro. Quase um ano depois de os Estados Unidos darem início à Operação *Enduring Freedom*, o exercício de campo *Ashura-4*, liderado pelo IRGC em Set 2002, incluiu técnicas de guerra assimétrica e a utilização de defesas aéreas passivas para reduzir a vulnerabilidade dos movimentos das tropas<sup>58</sup>. No exercício *Thunder*, em abril de 2004, as tropas do IRGC utilizaram mísseis superfície-ar portáteis contra alvos simulados de helicópteros de ataque americanos *AH-64* (“Apache”)<sup>59</sup>. As Forças militares iranianas também praticaram a colocação de minas e outros obstáculos de estrada para afetar o avanço das colunas blindadas do inimigo<sup>60</sup>. Em setembro de 2004, o IRGC — utilizando como referência específica a experiência dos EUA no Afeganistão e no Iraque — adaptou seus exercícios de modo a incluir operações de guerra assimétrica<sup>61</sup>.

Os jogos de guerra iranianos se tornaram mais frequentes com a eleição, em 2005, do Presidente Mahmoud Ahmadinejad (veterano da Guerra Irã-Iraque, membro do IRGC e suposto instrutor das Forças da *Basij*)<sup>62</sup>. O General Mohammad-Ali Jaafari, do IRGC, afirmou, em agosto de 2005: “Como o provável inimigo é muito mais avançado tecnologicamente do que nós, estamos utilizando o que se denomina de métodos de guerra assimétrica... Nossas Forças agora estão bem preparadas para isso”<sup>63</sup>. Para tanto, o IRGC começou a adquirir mais armas anticarro e anti-helicóptero<sup>64</sup>. Em outubro de 2005, o Irã realizou exercícios militares que envolviam a defesa de 16 áreas de resistência e 400 bases de resistência cívica, com declarada ênfase na guerra

assimétrica<sup>65</sup>. Os jogos de guerra de dezembro de 2005 incluíram mais de 15 mil integrantes das Forças Armadas regulares e se concentraram na guerra irregular por Unidades extremamente móveis<sup>66</sup>.

Em agosto de 2006, o mês do cessar-fogo final da Guerra do Líbano de 2006, a liderança militar do Irã deu início a cinco semanas de jogos de guerra denominados “Golpe de Zolfaqar”, citando lições aprendidas no conflito recente no Líbano<sup>67</sup>. Como observou o General Mohammad-Reza Ashtiani, Subcomandante das Forças Armadas regulares do Irã: “As Forças humanas podem selar o destino da guerra. Vimos isso no Líbano”<sup>68</sup>. O Irã anunciou essas manobras específicas como a introdução de uma “nova doutrina defensiva”<sup>69</sup>. Os exercícios incluíam o treinamento de comandos, armamento portátil “de ombro”, equipes de guerra eletrônica, Forças de reação rápida e operações de veículos aéreos não tripulados. Os segmentos de guerra eletrônica do treinamento supostamente incluíram a interferência eletrônica das comunicações táticas do inimigo e o estabelecimento de redes de comunicação para coordenar a atividade militar iraniana<sup>70</sup>.

Nos últimos três anos e meio, o treinamento em táticas de guerrilha foi um elemento principal dos exercícios militares iranianos em larga escala, incluindo “Grande Profeta II”, em novembro de 2006, e “Eqtedar-85”, em fevereiro de 2007. Enquanto os exercícios “Grande Profeta I” de abril de 2006 se concentraram principalmente em operações navais e litorais, os exercícios “Grande Profeta II” incluíram cerca de 20 mil soldados da Força *Basij*, assim como Forças convencionais que praticavam operações noturnas e manobras em terreno restritivo<sup>71</sup>. Como nos exercícios “Golpe de Zolfaqar”, a liderança militar iraniana ressaltou a experiência do Hezbollah no Líbano como um fator orientador nos exercícios “Grande Profeta II”. Inspirados pelo uso de elementos autônomos valor grupo de combate pelo Hezbollah, os exercícios “Grande Profeta II” aparentemente incluíram o treinamento de 1.800 equipes militares iranianas autossuficientes<sup>72</sup>.

Três mil equipes desse tipo participaram das manobras de combate urbano dos exercícios *Eqtedar-85*, em fevereiro de 2007, com ênfase em armas antiaéreas e anticarro<sup>73</sup>. Também como parte do treinamento *Eqtedar-85*,

2.500 integrantes da *Basij* realizaram um exercício nos subúrbios da zona oeste de Teerã, centrado na neutralização de Forças inimigas transportadas por helicóptero até a capital.<sup>74</sup> Em treinamentos recentes, integrantes do IRGC e da *Basij* praticaram técnicas de camuflagem e de dissimulação destinadas a minimizar a detecção pelo reconhecimento inimigo<sup>75</sup>. Além disso, os iranianos vêm se empenhando em melhorar e criptografar as comunicações entre as Unidades<sup>76</sup>. As equipes de pesquisa do IRGC nas Universidades Imam Hossein e Sharif estão empenhadas no desenvolvimento de uma rede de telecomunicações táticas. O IRGC supostamente colocou esse sistema em campo durante os exercícios *Eqtedar-85*, em fevereiro de 2007<sup>77</sup>. Como observou o Ministro da Defesa e Logística, General-de-Brigada Mostafa Mohammad-Najjar, o Irã dá especial atenção à “produção de equipamentos relacionados com a guerra assimétrica”<sup>78</sup>.

Entretanto, a busca iraniana por melhores tecnologias de comando e controle coincidiu com a tentativa das Forças militares de desenvolver capacidades descentralizadas, capacitando pequenas equipes a operar contra o inimigo, mesmo quando não pudessem se comunicar com seus comandos superiores. E, em mais uma alusão à Guerra do Líbano de 2006, o Irã anunciou que conduzia simulações que incluíam “grupos de combate de lançamento de mísseis” como parte do exercício “Grande Profeta III”, de julho de 2008<sup>79</sup>. Um jogo de guerra realizado em dezembro de 2008, o “Ittihad-87”, concentrou-se em operações navais no Estreito de Ormuz, em conformidade com o foco paralelo do Irã nas operações navais assimétricas<sup>80</sup>. Em suas manobras de novembro de 2009, o Irã continuou a enfatizar o treinamento em ataques com mísseis antiaéreos e superfície-superfície<sup>81</sup>.

O sentido de “excepcionalidade iraniana”, que as Forças militares possuem, é um dos alicerces da doutrina de combate assimétrico do país, especialmente quando se trata de operações suicidas. O General-de-Brigada Safavi observou: “As Forças treinadas na ‘cultura’ de busca do martírio estão entre as características especiais das Forças Armadas da república islâmica”<sup>82</sup>. Ao longo dos últimos seis anos, as Forças militares iranianas conduziram

uma análise intensiva das suas operações de “martírio” durante a Guerra Irã-Iraque a fim de preparar possíveis soldados mártires para um campo de batalha mais moderno<sup>83</sup>. Mesmo antes de ser eleito para a Presidência, Ahmadinejad ajudou a iniciar uma campanha de recrutamento para operações suicidas entre os quadros do IRGC e da *Basij*. Com desenhos animados iranianos celebrando a possibilidade de martírio contra um inimigo invasor, o recrutamento de “mártires” ganhou impulso desde a eleição de Ahmadinejad, e o governo passou até a aceitar inscrições on-line em um site designado especialmente para esse fim<sup>84</sup>.

Em vez de limpar os campos minados ordenando que milicianos despreparados os atravessassem, como fizeram as Forças militares iranianas durante a Guerra Irã-Iraque, o Irã vem tentando utilizar seus efetivos de uma forma mais eficiente e econômica. Em 1988, uma mina naval iraniana com um custo estimado de US\$ 1.500 provocou US\$ 90 milhões em danos à fragata norte-americana Samuel B. Roberts, quando ela atravessava o Golfo Pérsico. Da mesma forma, o Irã — por meio de suas publicações profissionais e jogos de guerra — vem buscando utilizar o combate terrestre assimétrico para superar suas limitações contra um inimigo tecnologicamente superior. A Guerra do Líbano de 2006 ofereceu uma oportunidade de testar as táticas terrestres que os assessores iranianos haviam ensinado ao Hezbollah desde a criação da organização. Desde a Guerra do Líbano de 2006, o Irã rapidamente extraiu lições e treinou suas próprias Forças militares em conformidade com elas.

## O Caminho à Frente

Em um conflito com o Irã hoje, uma Força invasora lutaria contra um Estado que, desde o início, preparou-se para travar a guerra assimétrica, não como um ideia posterior à ocupação, mas como uma das características principais da sua estratégia de defesa. Ao fazê-lo, é importante lembrar as lições da Guerra do Líbano de 2006 e evitar repetir os erros das FDI. Caso cogitem um conflito terrestre com o Irã, os Estados Unidos devem adaptar o seu treinamento e suas táticas. Ademais, embora o Irã possa ter sido uma das fontes da doutrina tática assimétrica que funcionou contra as FDI, ele não é o Líbano,

e os adversários potenciais devem se preparar para as diferenças na geografia e na organização militar.

A ênfase recente das FDI em operações de estabilidade, em vez de manobra, prejudicou sua capacidade de travar o combate terrestre. Os exercícios de guarnições e a proficiência das Unidades de manobra em operações de Armas combinadas se atrofiaram pelo desuso. Como observou Matt M. Matthews, do Instituto de Estudos de Combate (*Combat Studies Institute*), em sua crítica incisiva à Guerra do Líbano de 2006, os Estados Unidos enfrentam um desafio semelhante: “Embora o Exército dos EUA deva ser proficiente na condução de operações de combate de grande porte em todo o mundo, é possível que anos de operações irregulares tenham reduzido essa capacidade, de forma parecida com a situação enfrentada pelas FDI”<sup>85</sup>. Além disso, as FDI foram incapacitadas por uma reforma mal compreendida da sua doutrina militar. A dependência dos oficiais mais antigos em relação ao jargão não familiar de uma nova teoria operacional baseada em efeitos confundiu os oficiais em campanha, prejudicando a ênfase tradicional em conquistar e manter terreno. Em suas próprias publicações profissionais, as Forças militares dos EUA começam a moderar sua dependência em relação às operações baseadas em efeitos<sup>86</sup>.

Embora tanto o Hezbollah quanto o Irã adotem uma doutrina tática assimétrica, outro ponto em que este também se distingue do Líbano é o fato de possuir Forças militares relativamente grandes, além do efetivo que ficaria incumbido da guerra irregular. Uma invasão bem-sucedida teria de lidar tanto com a ameaça convencional quanto com a assimétrica. Seriam necessárias ações de manobra terrestre decisivas para destruir Unidades militares iranianas convencionais e para isolar e identificar os elementos de combate assimétrico. Não manobrar de forma decisiva poderia provocar uma guerra de atrito<sup>87</sup>. O Relatório do Comitê de Winograd do governo israelense, uma análise dos fracassos políticos e militares durante a Guerra do Líbano de 2006, conferiu atenção especial ao período de “ambiguidade”, que roubou o momento oportuno das operações das FDI<sup>88</sup>. A intensidade das operações de 2008-2009 de Israel em Gaza demonstrou que as FDI aprenderam pelo menos uma lição da sua experiência em 2006<sup>89</sup>.

Em conformidade com uma ofensiva terrestre, uma Força invasora no Irã teria de rapidamente detectar e destruir sistemas de casamatas principais e secundários a fim de remover potenciais centros de força para elementos retardadores (*stay-behind*). Em 2006, os ataques aéreos israelenses obtiveram certo grau de sucesso em destruir os locais conhecidos de casamatas do Hezbollah mais próximos da fronteira. Contudo, deficiências em informações de Inteligência enfraqueceram o efeito desses ataques. Quando tentaram ir além das áreas fronteiriças, as FDI encontraram regiões repletas de sistemas de casamatas anteriormente desconhecidos. Os ataques aéreos de preparação para uma ofensiva terrestre são úteis se oportunos, mas as Unidades terrestres devem transmitir evidências de casamatas adicionais para os escalões superiores para possibilitar a destruições dessas posições fortificadas.

A subestimação do inimigo prejudicou os esforços das FDI no Líbano. Como comentou um soldado das Forças especiais israelenses sobre uma casamata do Hezbollah: “Esperávamos uma barraca e três fuzis Kalashnikov: eram essas as informações que havíamos recebido. Em vez disso, encontramos uma porta de aço hidráulica que abria para uma rede bem equipada de túneis”<sup>90</sup>. Desde a Guerra Irã-Iraque, o Irã teve 20 anos para preparar o campo de batalha, enchendo-o de casamatas e estoques de armas. As Forças iranianas foram treinadas para utilizar minas para obrigar as Forças invasoras a tomar vias de acesso previsíveis. Além disso, jogos de guerra recentes incluíram ataques anti-helicóptero para limitar a flexibilidade de movimentação de tropas do invasor. Para manter a impulsão no avanço, uma Força invasora no Irã deve trocar as vias de acesso de alta velocidade por rotas menos esperadas e mais demoradas.

Um invasor que enfrente a defesa em mosaico do Irã deve identificar e isolar os “ladrilhos” individuais desse mosaico: estoques de armas, casamatas, equipes de lançadores de foguetes, equipes anticarro e centros de resistência baseados em aldeias. Embora talvez seja necessário contornar as posições fortificadas durante as manobras iniciais, um esforço militar contínuo contra o Irã teria de lidar com esses “ladrilhos”. Os comandantes de área precisariam restringir e monitorar o trânsito de pessoal nos espaços

entre regiões povoadas para detectar a existência de casamatas e estoques. A Inteligência humana também seria essencial. Duas décadas de preparação do campo de batalha sem o relativo “tônico” de um conflito militar pode ter causado a dependência excessiva do Irã em relação a casamatas e estoques existentes que, com o tempo, passaram a ser conhecidos por civis e militares externos. Assim, talvez seja mais fácil adquirir informações referentes à localização de casamatas agora do que durante a Guerra do Líbano de 2006. O Irã pode não ser capaz de compartimentar as designações para as casamatas de uma forma tão rigorosa quanto o Hezbollah. Uma Força invasora deve visar os núcleos de comando e controle, como os que atuaram na coordenação dos ataques de foguetes do Hezbollah, e interromper as comunicações de rádio e celular do inimigo, para limitar a coordenação de elementos autônomos afastados.

É provável que os sistemas de armas que caracterizaram a Guerra do Líbano de 2006 desempenhem um papel em um conflito com o Irã. As equipes de lançadores de foguetes no Líbano se concentraram em atirar contra alvos estáticos em Israel, embora haja indícios de que eles tiveram êxito ao atacar as FDI invasoras. O Irã talvez dedique suas equipes de lançadores de foguetes a atacar os elementos mais estáticos de uma Força invasora. Nessa situação, manobras dinâmicas na frente e diversos procedimentos de retaguarda seriam úteis para neutralizar o fogo indireto do inimigo. Pelo menos um comentarista apelidou a Guerra do Líbano de 2006 de “guerra do míssil anticarro”, aludindo ao bem-sucedido emprego de armas anticarro e de táticas de “enxame” (*swarming*) pelo Hezbollah<sup>91</sup>. Os sistemas anticarro do Irã são mais numerosos e mais sofisticados que os do Hezbollah e uma Força invasora blindada deve se preparar para as emboscadas e ataques em massa que caracterizaram o conflito de 2006. Apenas aumentar a espessura da chapa de blindagem não resolverá o problema. No Líbano, nem mesmo a

blindagem reativa era capaz de resistir às armas desenvolvidas pelo Irã. As Unidades blindadas devem ser proficientes em condutas de combate e manobras para minimizar os riscos de um ataque de mísseis anticarro e para reagir de forma condizente ao detectar tal ameaça.

Enquanto os soldados na linha de frente de uma Força invasora devem executar manobras decisivas, os elementos de retaguarda devem isolar centros de resistência habitados e tentar localizar os estoques de munição. Admite-se que esse seria um trabalho extenuante. Um invasor teria de resistir a ataques vindos dessas áreas até que desenterrasse os estoques, que a reserva de munição diminuísse pelo uso ou que os habitantes perdessem a vontade de lutar. Na Guerra do Líbano de 2006, cinco meses de luta não esgotaram as provisões, que haviam sido acumuladas durante pelo menos seis anos. O Irã, por sua vez, teve muito mais tempo ainda para preparar essas provisões. Caso seja necessário vasculhar as aldeias, é provável que o inimigo utilize civis como escudos, uma tática assimétrica comum, e que os danos colaterais de qualquer ação do invasor em centros densamente povoados — exceto os ataques “cirúrgicos” — ultrapassem os benefícios táticos. De qualquer forma, uma Força invasora deve ter uma quantidade suficiente de tropas disponíveis para isolar e limpar esses centros populacionais, caso se cogite uma ocupação.

A Guerra do Líbano de 2006 destacou o emprego bem-sucedido de táticas de combate assimétrico diante de um adversário tecnologicamente superior. O Irã utiliza as lições aprendidas naquele conflito para preparar seus próprios quadros para a possibilidade de uma invasão terrestre. A preparação militar é a marca da diplomacia de sucesso. Enquanto as negociações relativas ao programa nuclear do Irã avançam, os Estados Unidos devem reconhecer a evolução das táticas terrestres iranianas e dispor de um plano para enfrentar essa realidade, caso haja necessidade. **MR**

---

## REFERÊNCIAS

1. Conforme citado em ARASLI, Jahangir. “Obsolete Weapons, Unconventional Tactics, and Martyrdom Zeal: How Iran Would Apply its Asymmetric Naval Warfare Doctrine in a Future Conflict”, George C. Marshall European Center for Security Studies, *Occasional Paper Series*, No. 10, abr. 2007, p. 42.

2. Consulte, por exemplo, GlobalSecurity.org, disponível em: <[www.globalsecurity.org/military/world/war/iraniraq.htm](http://www.globalsecurity.org/military/world/war/iraniraq.htm)> (5 Abr 10); “Iraq’s National Security Goals”, Central Intelligence Agency, dez. 1988, divulgado em nov. 1999, disponível em: <[www.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB80/](http://www.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB80/)>

wmd02.pdf> (5 abr. 2010). Embora seja difícil obter dados estatísticos comprovados sobre a quantidade de baixas sofrida por cada lado, é consenso que o Irã sofreu um número bem maior que o Iraque.

3. Dado o caráter da publicação, este artigo se baseia apenas em fontes ostensivas. Vale notar que o governo iraniano é conhecido por gerar desinformações sobre suas capacidades militares. Por exemplo, ele alterou uma fotografia de um recente teste de mísseis para exagerar a quantidade lançada com sucesso. Não obstante, este artigo foi baseado em diversas fontes para oferecer uma perspectiva ostensiva das mudanças na doutrina tática do Irã. Como observou o General-de-Divisão Sam Wilson (Reserva), Exército dos EUA, antigo Diretor da Agência de Inteligência de Defesa (*Defense Intelligence Agency*): “Noventa por cento das informações de Inteligência são oriundas de fontes ostensivas. Os outros 10%, o trabalho clandestino, é apenas o mais dramático. O verdadeiro herói da Inteligência é o Sherlock Holmes, não o James Bond.” Citado em REED, David. “Aspiring to Spying”, *The Washington Times*, 14 nov. 1997, Regional News, p. 1, citado em FRIEDMAN, Richard S., “Open Source Intelligence”, *Parameters* (Summer 1998), disponível em: <www.carlisle.army.mil/usawc/parameters/98summer/sum-essa.htm> (5 abr. 2010).

4. Os líderes iranianos também estudaram as lições que as Forças insurgentes apoiadas pelo seu país aprenderam durante a Operação *Iraqi Freedom*. Desde o treinamento militar da Brigada Badr (agora o Partido Badr) durante seu exílio no Irã, na época de Saddam Hussein, até o fornecimento de “projéteis formados por explosão”, o Irã foi capaz de testar suas táticas e equipamentos durante a presença da coalizão no Iraque. Em seu depoimento ao Congresso em Abr 07, o General David H. Petraeus, Comandante das Forças norte-americanas no Iraque, enfatizou o envolvimento do Irã naquele país: “[Os agentes iranianos no Iraque] recebiam considerável financiamento, treinamento em território iraniano, munições explosivas e tecnologias avançadas, assim como armas e munição comuns... em alguns casos, assessoramento e, em alguns casos, até certo grau de orientação[.]... E, mais uma vez, não há dúvida de... que o financiamento iraniano esteja sendo fornecido por meio da Força *Quds*.” CORDESMAN, Anthony; KLEIBER, Martin. *Iran's Military Forces and Warfighting Capabilities: The Threat in the Northern Gulf, Center for Strategic and International Studies* (Washington, DC: Center for Strategy and International Studies Press, 2007), p. 81, citando GERTZ, Bill. “U.S. General Calls Al Qaeda ‘Public Enemy No. 1’ in Iraq”, *The Washington Times*, 27 abr. 2007, p. 4. Entretanto, a Guerra do Líbano de 2006 ofereceu melhor compreensão da evolução das táticas iranianas em direção a operações militares convencionais.

5. Frase geralmente atribuída a Publius Flavius Vegetius Renatus, escritor militar romano, em *Epitoma Rei Militaris* (cerca de 390 d.C).

6. Criada em resposta à ocupação contínua do Líbano por Israel, essa milícia foi treinada, armada e equipada pelo Irã e pela Síria.” MATTHEWS, Matt M. “We Were Caught Unprepared: The 2006 Hezbollah-Israeli War”, *The Long War Series, Occasional Paper 26*, U.S. Army Combined Arms Center, Combat Studies Institute Press, Fort Leavenworth, Kansas, 2008, p. 6. Consulte, também, NORTON, Augustus Richard. “Hizballah and the Israeli Withdrawal from Southern Lebanon”, *Journal of Palestine Studies* 30, nº 1 (Autumn 2000): p. 24. (“Há pouca dúvida de que o Irã e a Síria estiveram profundamente envolvidos na criação do Hezbollah.”)

7. QASSEM, Naim, versão em inglês de Dalia Khalil, *Hizbullah: The Story from Within* (London: SAQI Books, 2005), p. 67.

8. Conforme citado no depoimento de Ilan Berman, American Foreign Policy Council, Vice-presidente de Políticas do Subcomitê sobre Terrorismo Internacional e Não proliferação e Subcomitê sobre o Oriente Médio e Ásia Central da Câmara de Deputados dos EUA, 28 set. 2006, disponível em: <www.afpc.org/event\_listings/viewCongressionalHearing/48> (5 abr. 2010).

9. YA'ARI, Ehud. “Hizbullah: 13 Principles of Warfare”, *The Jerusalem Report*, 21 mar 1996, citado em MATTHEWS, p. 7.

10. Como reconheceu o Subsecretário Geral do Hezbollah, Xequé Naim Qassem: “O trabalho de resistência era, em essência, ‘bater e correr’, deixando o inimigo surpreso, sem um alvo de retaliação visível.” QASSEM, versão em inglês de KHALIL, *Hizbullah: The Story from Within*, p. 71.

11. TAHIER, Amir. “The Mullah's Playground”, *The Wall Street Journal*, 7 dez. LABORATORY OF ASYMMETRY 2004, A10, citado por CORDESMAN e KLEIBER, *Iran's Military Forces and Warfighting Capabilities: The Threat in the Northern Gulf*, p. 78.

12. “Hezbollah as a Strategic Arm of Iran”, *Intelligence and Terrorism Center at the Center for Special Studies* (CSS), 8 set. 2006, disponível em: <www.terrorism-info.org.il/malam\_multimedia/English/eng\_n/html/iran\_hezbollah\_e1b.htm> (5 abr. 2010).

13. “Hezbollah as a North Korea-Type Guerrilla Force,” disponível em: <IntelligenceOnline.com>, nº 529, p. 25 ago.-set. 2006, disponível em: <www.intelligenceonline.com/archives/p\_som\_archives.asp?num=529&year=2006&rub=archives> (5 abr. 2010).

14. CORDESMAN, Anthony. “Iran's Support of the Hezbollah in Lebanon”, Center for Strategic and International Studies, 17 jul. 2006, p.

2-3. O Hezbollah tinha um orçamento anual estimado de US\$ 100 milhões. “Hezbollah as a Strategic Arm of Iran”, *Intelligence and Terrorism Center at the Center for Special Studies* (CSS), 8 set. 2006, disponível em: <www.terrorism-info.org.il/malam\_multimedia/English/eng\_n/html/iran\_hezbollah\_e1b.htm> (5 abr. 2010).

15. MATTHEWS, p. 19.

16. “Hezbollah as a North Korea-Type Guerrilla Force,” disponível em: <IntelligenceOnline.com>, nº 529, 25 ago. 2006 a 7 set. 2006, disponível em: <www.intelligenceonline.com/archives/p\_som\_archives.asp?num=529&year=2006&rub=archives> (5 abr. 2010). Segundo consta, assessores norte-coreanos também contribuíram com sua perícia ao projeto. Um relatório de Inteligência israelense concluiu que o Hezbollah “teria se beneficiado da assistência prestada pelos assessores norte-coreanos, segundo relatório de 29 Jul em al-Sharq al-Awsat. O relatório cita um oficial de alta patente da Guarda Revolucionária Iraniana, que afirmou que os assessores norte-coreanos haviam ajudado o Hezbollah a construir a infraestrutura de túneis, incluindo um túnel subterrâneo de 25 quilômetros.” MATTHEWS, p. 21, citando “North Koreans Assisted Hezbollah with Tunnel Construction”, *Terrorism Focus* 3, nº 30 (1 ago. 2006), p. 1.

17. EXUM, Andrew. “Hizballah at War: A Military Assessment”, The Washington Institute for Near East Policy, *Policy Focus*, no. 63, dez. 2006, p. 4.

18. Consulte BIDDLE, Stephen D.; FRIEDMAN, Jeffrey A. *The 2006 Lebanon Campaign and the Future of Warfare: Implications for Army and Defense Policy* (Carlisle, Pensilvânia: U.S. Army War College, Strategic Studies Institute, 2008), p. 7-8.

19. EXUM, Andrew. “Hizballah at War: A Military Assessment”, p. 5.

20. CROOKE, Alastair; PERRY, Mark. “How Hezbollah Defeated Israel, Part 1: Winning the Intelligence War”, *Asia Times*, 12 out. 2006, disponível em: <www.atimes.com/atimes/middle\_east/hj12ak01.html> (5 abr. 2010).

21. “Hezbollah as a Strategic Arm of Iran”, *Intelligence and Terrorism Center at the Center for Special Studies* (CSS), disponível em: <www.terrorism-info.org.il/malam\_multimedia/English/eng\_n/html/iran\_hezbollah\_e1b.htm> (5 abr. 2010).

22. “Enquanto eles se deslocavam rapidamente em direção a uma colina que dominava uma possível rota de fuga do Hezbollah, um potente dispositivo explosivo improvisado explodiu sob um carro de combate Merkava 4, lançando pesados fragmentos de metal até uma distância de 140 metros, matando os quatro integrantes da tripulação instantaneamente. Enquanto equipes de resgate avançavam para retirar os corpos dos tripulantes mortos do carro de combate, dois outros soldados das FDI morreram durante um tiroteio acirrado contra o Hezbollah.” MATTHEWS, p. 36.

23. CORDESMAN, “Iran's Support of the Hezbollah in Lebanon”, p. 7.

24. “Os mísseis anticarro de fabricação iraniana com ogiva dupla em tandem, que podem penetrar blindagem mesmo depois de proteção reativa: o Raad, versão iraniana do Sagger, tem um alcance de 3 mil metros e pode penetrar 400 mm; o Raad-T, versão iraniana do Sagger com ogiva em tandem, tem um alcance de 3 mil metros e também pode penetrar 400 mm depois de proteção reativa; o Toophan é uma versão iraniana do TOW, com alcance de até 3.750 metros e pode penetrar blindagem de aço de 550 mm de espessura.” “Hezbollah as a Strategic Arm of Iran”. Intelligence and Terrorism Center at the CSS, 8 set. 2006, disponível em: <www.terrorism-info.org.il/malam\_multimedia/English/eng\_n/html/iran\_hezbollah\_e1b.htm> (5 abr. 2010).

25. CORDESMAN, Anthony com SULLIVAN, George e SULLIVAN, William. *Lessons of the 2006 Israeli-Hezbollah War* (Washington, DC: The Center for Strategic and International Studies Press, 2007), p. 109-10.

26. *Ibid.*, p. 109.

27. MATTHEWS, p. 64.

28. PLUTARCH, *The Parallel Lives*, Loeb Classical Library, Harvard University Press, 1914, vol. III, 73, Bernadotte Perrin, versão em inglês, disponível em: <penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Plutarch/Lives/Agesilaus\*.html> (5 abr. 2010).

29. BIDDLE; FRIEDMAN. *The 2006 Lebanon Campaign and the Future of Warfare: Implications for Army and Defense Policy*, p. 52-53.

30. Consulte CORDESMAN com SULLIVAN e SULLIVAN, *Lessons of the 2006 Israeli-Hezbollah War*, p. 132.

31. *Ibid.*, p. 117.

32. MATTHEWS, p. 17.

33. CORDESMAN com SULLIVAN e SULLIVAN, *Lessons of the 2006 Israeli-Hezbollah War*, p. 105.

34. *Ibid.*, p. 115.

35. Voice of America News, 13 ago. 2006, conforme citado em GlobalSecurity.org, disponível em: <www.globalsecurity.org/military/library/news/2006/08/mil-060813-voa06.htm> (5 abr. 2010).

36. CORDESMAN com SULLIVAN e SULLIVAN, *Lessons of the 2006 Israeli-Hezbollah War*, p. 103.

37. “Recognizing Iran as a Strategic Threat: An Intelligence Challenge for

the United States”, Staff Report, U.S. House of Representatives, Permanent Select Committee on Intelligence, Subcommittee on Intelligence Policy, 23 ago. 2006, citando U.S. Department of State, *Country Reports on Terrorism 2004*, abr. 2005, p. 89, citado por GlobalSecurity.org, disponível em: <www.globalsecurity.org/intell/library/congress/2006\_rpt/iran-report\_060822v2.htm> (5 abr. 2010).

38. CORDESMAN com SULLIVAN e SULLIVAN, *Lessons of the 2006 Israeli-Hezbollah War*, p. 105-106.

39. COOPER, Tom; BISHOP, Farzad. *Iran-Iraq War in the Air, 1980-1988*, p. 196, conforme citado em ARASLI, “Obsolete Weapons, Unconventional Tactics, and Martyrdom Zeal: How Iran Would Apply Its Asymmetric Naval Warfare Doctrine in a Future Conflict”, p. 24.

40. CORDESMAN com SULLIVAN e SULLIVAN, *Lessons of the 2006 Israeli-Hezbollah War*, p. 85. (“O Hezbollah demonstrou ser mais bem treinado e preparado que a maioria das Forças de guerrilha, o que pode ser um indicador importante da qualidade do treinamento e doutrina iranianos nessa área.”)

41. JANE’S SENTINEL SECURITY ASSESSMENT, *The Gulf States: Armed Forces*, Iran, 21 out. 2005, citado em CORDESMAN e KLEIBER, “Iran’s Military Forces and Warfighting Capabilities: *The Threat in the Northern Gulf*”, p. 81.

42. Em janeiro de 2006, o Conselho de Segurança Nacional Supremo do Irã aumentou a dimensão autorizada da Força *Quds* para 15.000. CORDESMAN; KLEIBER. “Iran’s Military Forces and Warfighting Capabilities: The Threat in the Northern Gulf”, p. 79, citado em IntelligenceOnline.com, “Tehran Targets Mediterranean”, 10 de março de 2006.

43. *The Military Balance 2007*, p. 224-26, The International Institute for Strategic Studies, Arundel House 2007, London, UK.

44. CORDESMAN; KLEIBER. “Iran’s Military Forces and Warfighting Capabilities: The Threat in the Northern Gulf”, p. 78.

45. CONNELL, Michael. “The Influence of the Iraq Crisis on Iranian Warfighting Doctrine and Strategy”, CNA Corporation, Alexandria, abr. 2007, não publicado, p. 1.

46. WARD, Steven R., “The Continuing Evolution of Iran’s Military Doctrine”, *The Middle East Journal*, 1 out. 2005, disponível em: <www.highbeam.com/doc/1P3-928504121.html> (5 abr. 2010).

47. Ibid.

48. Ibid.

49. Citado em AMIRI, Sa’id. “Guerrilla Warfare is the Best Method for Fighting the Enemy”, *Staff*, 20 abr. 2004, p. 16-17, conforme citado em CONNELL, p. 3.

50. Vision of the Islamic Republic of Iran Network, Network 1: 1834 GMT 9 Mar 05, conforme citado em CONNELL, p. 3.

51. CONNELL, p. 5.

52. Ibid.

53. *Vision of the Islamic Republic of Iran: Esfahan Provincial TV*, 1721 GMT 11 Mai 2006, conforme citado em CONNELL, p. 5.

54. KEYHAN, 20 fev. 2007, p. 14, conforme citado em CONNELL, p. 3-4. (Keyhan, também grafado como Kayhan, é um jornal radical iraniano, patrocinado pelo líder supremo do país, Aiatolá Ali Khamenei. Consulte, também, SLACKMAN, Michael. “Freed by Revolution, He Speaks for Iran’s Hard-Liners”, *New York Times*, 22 set. 2007, disponível em: <http://www.nytimes.com/2007/09/22/world/middleeast/22shariamadari.html?\_r=3> (5 maio 2010).)

55. KEYHAN, 20 fev. 2007, p. 14, conforme citado em CONNELL, p. 4; CORDESMAN e KLEIBER, “Iran’s Military Forces and Warfighting Capabilities: The Threat in the Northern Gulf”, p. 81.

56. CORDESMAN; KLEIBER. “Iran’s Military Forces and Warfighting Capabilities: The Threat in the Northern Gulf”, p. 81.

57. “Iranian Guard’s Mission Evolves”, *The Washington Times*, 19 mar. 2007, disponível em: <www.washingtontimes.com/news/2007/mar/19/20070319-124826-4695r> (5 abr. 2010).

58. WARD, Steven R. “The Continuing Evolution of Iran’s Military Doctrine”, disponível em: <www.highbeam.com/doc/1P3-928504121.html> (5 abr. 2010).

59. CONNELL, p. 4.

60. AMIRI, p. 16-17, conforme citado em CONNELL, p. 4.

61. CORDESMAN; KLEIBER. “Iran’s Military Forces and Warfighting Capabilities: The Threat in the Northern Gulf”, p. 19.

62. KUNTZEL, Matthias. “Ahmadinejad’s Demons”, *New Republic*, 24 abr. 2006, disponível em <www.matthiaskuentzel.de/contents/le\_download/107> (5 abr. 2010); FATHI, Nazila. “Blacksmith’s Son Emphasized His Modest Roots”, *New York Times*, 26 jun. 2005, disponível em: <www.nytimes.com/2005/06/26/international/middleeast/26mayor.html?scp=1&sq=blacksmith%20son%20modest%20roots&st=cse> (5 abr. 2010).

63. Citado em ARASLI. “Obsolete Weapons, Unconventional Tactics, and Martyrdom Zeal: How Iran Would Apply Its Asymmetric Naval Warfare

Doctrine in a Future Conflict”, p. 12.

64. CORDESMAN; KLEIBER. “Iran’s Military Forces and Warfighting Capabilities: The Threat in the Northern Gulf”, p. 14.

65. Ibid., p. 19.

66. “Iran’s Military Plans for Invasion by U.S.”, *The Washington Times*, 31 maio 2006, disponível em: <www.washingtontimes.com/news/2006/may/31/20060531-121559-6573r> (5 abr. 2010).

67. “Zolfaqar Wargames Begin in W. Azarbaijan Province”, Islamic Republic News Agency, 22 ago. 2006, disponível em: <www.globalsecurity.org/wmd/library/news/iran/2006/iran060822-irna04.htm> (5 abr. 2010).

68. Iran Focus, 17 ago. 2006, conforme citado em ARASLI. “Obsolete Weapons, Unconventional Tactics, and Martyrdom Zeal: How Iran Would Apply Its Asymmetric Naval Warfare Doctrine in a Future Conflict”, p. 13., fn. p. 16.

69. “Iran Stages Massive War Games: Military Exercises to Go with Country’s New Defensive Doctrine”, Associated Press, 19 ago. 2006, disponível em: <www.cbsnews.com/stories/2006/08/19/world/main1913827.shtml> (5 abr. 2010).

70. “Zolfaqar Wargames Begin in W. Azarbaijan Province”, Islamic Republic News Agency, disponível em: <www.globalsecurity.org/wmd/library/news/iran/2006/iran060822-irna04.htm> (5 abr. 2010).

71. CORDESMAN; KLEIBER. “Iran’s Military Forces and Warfighting Capabilities: The Threat in the Northern Gulf”, p. 17; “Wargames Continue,” Iran Daily, 6 nov. 2006, disponível em: <www.iran-daily.com/1385/2700/pdf/i2.pdf> (9 mar. 2009).

72. CORDESMAN; KLEIBER. “Iran’s Military Forces and Warfighting Capabilities: The Threat in the Northern Gulf”, p. 17.

73. Ibid., p. 16.

74. “Iranian Guard’s Mission Evolves”, *The Washington Times*, disponível em: <www.washingtontimes.com/news/2007/mar/19/20070319-124826-4695r> (5 abr. 2010).

75. CONNELL, p. 4, citando KEYHAN, 20 fev. 2007, p. 14.

76. CONNELL, p. 4, citando KNIGHTS, Michael, “Iran’s Conventional Forces Remain Key to Detering Threats”, *Jane’s Intelligence Review*, fev. 2006, p. 9.

77. CONNELL, p. 4, citando BAZTAB, edição on-line, 20 fev. 2007.

78. *Iran Focus*, 24 ago. 2006, citado por ARASLI. “Obsolete Weapons, Unconventional Tactics, and Martyrdom Zeal: How Iran Would Apply Its Asymmetric Naval Warfare Doctrine in a Future Conflict”, p. 13.

79. “Iran Begins War Game with Warning to U.S., Israel”, *Fox News*, 8 jul. 2008, disponível em: <www.foxnews.com/story/0,2933,377626,00.html> (5 abr. 2010).

80. “Iran: Navy Holds Drill in Waterway”, *The Washington Times*, 3 dez. 2008, disponível em: <www.washingtontimes.com/news/2008/dec/03/brie-y-2900718> (5 abr. 2010); consulte, de modo geral, ARASLI. “Obsolete Weapons, Unconventional Tactics, and Martyrdom Zeal: How Iran Would Apply its 81.”

“Iran War Games to Defend Nuclear Sites”, BBC News, 22 nov. 2009, disponível em: <news.bbc.co.uk/2/hi/8372985.stm> (5 abr. 2010).

81. “Iran War Games to Defend Nuclear Sites”, BBC News, 22 nov. 2009, disponível em: <news.bbc.co.uk/2/hi/8372985.stm> (5 abr. 2010).

82. General-de-Brigada Yahya Rahim Safavi, IRGC, 2 nov. 2006, citado em ARASLI. “Obsolete Weapons, Unconventional Tactics, and Martyrdom Zeal: How Iran Would Apply Its Asymmetric Naval Warfare Doctrine in a Future Conflict”, p. 44.

83. Ibid., p. 14.

84. Ibid., p. 15, citando *Iran Focus*, 1 de março de 2006.

85. MATTHEWS, p. 65.

86. “USJFCOM Commander’s Guidance for Effects-Based Operations”, Gen MATTIS, James N. USMC, *Joint Force Quarterly 51* (4th Quarter 2008), republicado em *Parameters* (Autumn 2008), p. 18-25 (rejeitando elementos da teoria de operações baseadas em efeitos como sendo confusos e equivocados).

87. “Ao tentarem evitar ficar presos no Líbano, [as FDI] travaram uma longa batalha de atrito com manobras mínimas.” CORDESMAN com SULLIVAN e SULLIVAN, disponível em: web.html?pagewanted=print> (5 abr. 2010). SULLIVAN, *Lessons of the 2006 Israeli-Hezbollah War*, p. 85.

88. WINOGRAD, Eliyahu et al. *Final Report, Tel Aviv: The Inquiry Commission to Examine the Events of the Military Campaign in Lebanon 2006*, 2008, in “English Summary of the Winograd Campaign Report”, *The New York Times*, 30 jan. 2008, disponível em: <www.nytimes.com/2008/01/30/world/middleeast/31winograd-web.html?pagewanted=print> (5 abr. 2010).

89. Vale notar que a geografia e a organização militar do Irã se assemelham mais à situação do Hezbollah no Líbano do que à do Hamas na Faixa de Gaza. Consulte, por exemplo, DONNELLY, Thomas; PLETKA, Danielle. “Gaza Is Not Lebanon: Why Israel’s Campaign Against Hamas May Succeed,” *Weekly Standard*, 5 jan. de 2009, disponível em: <www.weeklystandard.com/Content/Public/Articles/000/000/015/975wlfwj.asp> (5 abr. 2010).

90. MATTHEWS, p. 44.

91. EXUM, Andrew. “Hizballah at War: A Military Assessment”, p. 5.